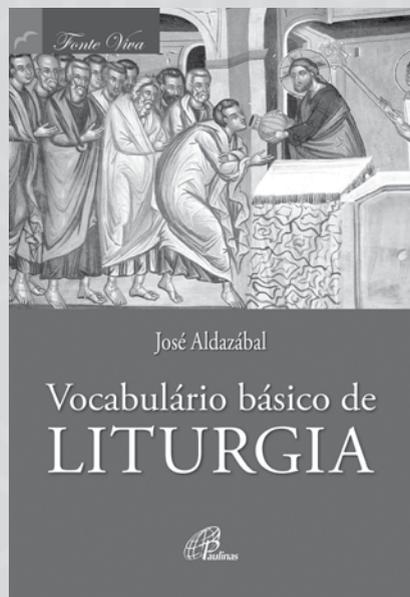


JOSÉ ALDAZÁBAL



Este livro, do reconhecido liturgista José Aldazábal, apresenta uma síntese considerável de termos referentes à celebração litúrgica cristã. Sem ser excessivamente técnico, oferece com brevidade os dados básicos sobre os aspectos históricos, teológicos e litúrgicos de cada conceito. Traz uma apresentação precisa de cada uma das palavras selecionadas, de modo que seja útil para todos aqueles que – no âmbito da pastoral, do estudo, da prática cristã – queiram conhecer melhor tudo o que se refere à celebração litúrgica.



A COMUNICAÇÃO A SERVIÇO DA VIDA

*Telemarketing*

**0800 - 7010081**

[www.paulinas.org.br](http://www.paulinas.org.br)

Acesse também "Ciberteologia",  
nossa Revista Eletrônica de Teologia & Cultura:  
[www.ciberteologia.org.br](http://www.ciberteologia.org.br).

## Aconselhamento espiritual: um ministério a serviço do povo de Deus

Spiritual Counseling:  
a ministry serving the people of God

*Prof. Dr. Pe. Tarcísio Justino Loro\**

**Resumo:** O aconselhamento espiritual é um serviço muito antigo, encontrado em todas as culturas e religiões. Os textos bíblicos nos relatam diversos episódios de pessoas que buscaram orientação espiritual, inclusive em Oráculos. Neste artigo, daremos atenção especial ao ministério do aconselhamento no âmbito da igreja católica, mais especificamente como serviço na comunidade paroquial. Neste texto, nossas reflexões passam pelas seguintes questões: para que serve a direção espiritual; fundamentos da orientação espiritual; qual deve ser o perfil do orientador espiritual; elementos éticos na orientação espiritual; metodologia da orientação espiritual à luz de algumas imagens bíblicas. A pedagogia de Jesus deve ser buscada sempre. Ele é o Mestre que orienta sem impor, que acolhe a todos sem distinção, que tem uma palavra de esperança e de vida. Na sua pedagogia, o protagonismo do orientando é condição para crescer na fé e na construção da paz interior.

**Palavras-chave:** Aconselhamento Espiritual, Conselhos, Métodos de Aconselhamento.

\* Professor de Teologia PUC-SP; Doutor em Ciências (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo; Doutor e Mestre em Teologia pela Pontifícia Faculdade Nossa Senhora Assunção; Mestre em Comunicação e Semiótica PUC-SP; Bacharel em Direito UMC-SP; Licenciado em Pedagogia – Faculdade Nossa Senhora do Patrocínio – ITU-SP; Licenciado em Letras – Faculdade Nossa Senhora Medianeira-SP; Bacharel em Teologia – Angelicum – Roma-Itália.

**Abstract:** Spiritual counseling is a very ancient service found in all cultures and religions. Biblical texts indicate many cases of people who looked for spiritual counseling, including from Oracles. In this article we will focus on spiritual counseling ministership in Catholic Church and more specifically as a service in the parochial community. Our reflections will go through the following questions: what spiritual counseling is for; fundamentals of spiritual counseling; what the profile of a spiritual counselor has to be; ethical elements in spiritual counseling; spiritual counseling methodology in the light of some biblical images. Jesus' pedagogy has to be sought always. He is the Master who guides without imposing, who receives everyone without distinction, who has a word of hope and life. In his pedagogy, the protagonism of who is counseled is a condition to grow in faith and in building internal peace.

**Keywords:** Spiritual counseling, Counselor, Methods Counselor.

## Introdução

Orientação espiritual não é uma prática metodológica exclusiva da Igreja. Ela está presente também, por exemplo, em inúmeras religiões não cristãs, como no budismo, judaísmo, islamismo, isto é, fora da história eclesiástica. É uma prática profundamente humana. Todos nós precisamos escutar a opinião de “alguém” sobre os mais diversos assuntos. E, dentre eles, encontramos as indagações sobre o sentido da vida, a existência de um mundo espiritual e como viver a vontade de Deus. Compartilhar e dialogar sobre nossas preocupações pela ótica da fé é refletir “teologicamente” sobre a nossa existência. É uma teologia prática, no sentido mais restrito do termo. Buscar respostas para a prática do dia a dia é perseguir um rumo a ser seguido, é uma forma de encontrar e realizar nossa vocação ou identidade. Enfim, a orientação espiritual coloca diante de nossos olhos a construção da felicidade, da realização e da satisfação de seguir o caminho proposto pela fé. Estas reflexões devem ajudar as pessoas a encontrar a sabedoria de vida, uma espécie de bússola humana.

No âmbito católico, apenas para ilustrar, nos séculos III e IV, existiram os eremitas e cenobitas, chamados de Padres do Deserto, que se estabeleceram nos diversos desertos do mundo oriental como

Síria e Egito. “Foi no deserto que Israel encontrou Iahweh pela primeira vez: a história da caminhada através do deserto ficou como a figura típica para se referir ao encontro do homem com Deus.”<sup>1</sup> Conhecidos como os primeiros monges da Igreja do Oriente e Ocidente, os Padres do Deserto tiveram enorme influência no desenvolvimento do cristianismo primitivo. As comunidades monásticas do deserto cresceram e se tornaram fonte de inspiração religiosa.<sup>2</sup> Muitas pessoas saíam das cidades e iam a sua procura em busca de direção espiritual para suas vidas e seus problemas.

Como nos diz Segundo Galilea, os Padres do Deserto:

Fizeram da direção espiritual uma verdadeira arte do espírito e com poucas palavras justas e oportunas, frequentemente oradas e refletidas por longo tempo, iluminavam seus irmãos, as vezes, por toda a vida.<sup>3</sup>

Nos dias de hoje, podemos citar o monge beneditino e escritor alemão, Anselm Grün como um dos mais conhecidos e reconhecidos *conselheiros espirituais* do mundo inteiro. O referido monge, administrador da Abadia em Münsterschwarzach, na Alemanha, sua cidade natal, possui dezenas de livros de cunho espiritualista publicados em 28 línguas. É procurado frequentemente como palestrante e conselheiro em vários países, o que demonstra a sede de misticismo em todo o mundo. Ele tornou-se ícone da espiritualidade e mestre do autoconhecimento no mundo contemporâneo. Anselm Grün esteve em São Paulo em 2011, no Mosteiro São Bento e no Santuário São Judas Tadeu, Jabaquara, palestrando sobre “A qualidade espiritual de vida!” Numa de suas obras, ele afirma:

Aquele que conduz outros homens deve ter sempre em mente que ele também é apenas um homem, que ele veio da terra e tem necessidades totalmente terrestres. Aquele que conhece seus próprios abismos nunca se colocará acima dos outros.<sup>4</sup>

<sup>1</sup> McKENZIE, S.J. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, p. 229.

<sup>2</sup> Cf. GALILEA, Segundo. *A sabedoria do Deserto: atualidade dos Padres do deserto na espiritualidade contemporânea*. São Paulo: Paulinas, 1985, pp. 29-42.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 78

<sup>4</sup> GRÜN, Anselm, *A sabedoria dos monges na arte de liderar pessoas*. Petrópolis, Vozes, 2005.

A orientação espiritual sempre foi exigência, de forma oficial ou oficiosa, nos seminários e nas Casas de Formação de religiosos. Em décadas passadas, não recebeu os cuidados necessários, foi relegada a um segundo plano na formação dos sacerdotes, diáconos e religiosos, atrás do empenho intelectual, sociológico e político do candidato, prejudicando desta forma sua formação. As comunidades sentem a carência de pastores com forte formação espiritual. Os párocos não podem olvidar seu ministério fundamentado no tríplice múnus de Jesus Cristo: profético, régio e sacerdotal. Neste sentido, Dom Odilo Pedro Scherer afirma:

A comunidade paroquial depende do Sacerdote e não pode dispensar o seu serviço qualificado e dedicado. Ele representa sacramentalmente Jesus Cristo, Sacerdote, Pastor e Guia da comunidade eclesial; pelo exercício do seu ministério sacerdotal, ele gera continuamente a comunidade, no dom do Espírito Santo, nutre-a com os dons da vida sobrenatural, anima e conduz os fieis em Cristo nos caminhos do Evangelho e entrega sua vida inteira em favor dos irmãos, a exemplo de Cristo, que não veio para ser servido, mas para servir e entregar sua vida pela salvação de todos (cf. Mt 20,28).<sup>5</sup>

A igreja tem procurado revalorizar a prática da orientação espiritual individual, uma vez que, em grande número de seminários, a orientação limitava-se à orientação coletiva, que era realizada por meio de palestras, retiros e outros métodos de formação. Percebe-se, claramente, uma nova tendência da Igreja: o resgate da direção espiritual no sentido de orientação individual, pessoal, o que não exclui os momentos coletivos de orientação. A Exortação Apostólica pós-sinodal *Pastores dabo vobis*, ao tratar da pastoral vocacional, enuncia um programa que é válido para todos:

É preciso redescobrir a grande tradição do acompanhamento espiritual pessoal, que sempre deu tantos e tão preciosos frutos na vida da Igreja: esse acompanhamento pode, em determinados casos e em condições bem precisas, ser ajudado, mas não substituído por formas de análise ou de ajuda psicológica (n. 40).<sup>6</sup>

<sup>5</sup> SCHERER, Dom Odilo P. *Paróquia, torna-te o que tu és. Carta Pastoral à Arquidiocese de São Paulo*, Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 2011, p. 28.

<sup>6</sup> JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal, Pastores Dabo Vobis*. São Paulo: Edições Loyola, 1992, n° 40.

*O acompanhamento espiritual* deve se estender também aos leigos, inseridos ou não nas comunidades eclesiais. A orientação espiritual presta um grande serviço na formação e na caminhada dos leigos. Pode ser uma porta de “encontro com o Senhor”. Eles também precisam ser ajudados na reflexão teológica e doutrinária referente à sua vida pessoal e comunitária. Daí a importância de o pastor da comunidade se colocar como “interlocutor” disponível para todos. A este respeito, afirma o Documento de Aparecida, “*O presbítero, à imagem do Bom Pastor, é chamado a ser homem de misericórdia e compaixão, próximo a seu povo e servidor de todos*”.<sup>7</sup>

Do ponto de vista canônico,

O pároco é o pastor próprio da paróquia a ele confiada; exerce o cuidado pastoral da comunidade que lhe foi entregue, sob a autoridade do bispo diocesano, em cujo ministério de Cristo é chamado a participar, a fim de exercer em favor dessa comunidade o múnus de ensinar, santificar e governar, com a cooperação também de outros presbíteros ou diáconos e com a colaboração dos fieis leigos, de acordo com o direito.<sup>8</sup>

Segunda a definição do Código de Direito Canônico, o pároco tem, portanto, a missão de *ensinar, santificar e governar*, o que inclui a pedagogia da orientação espiritual. E de forma mais explícita, o *Diretório para o ministério e a vida do presbítero*, da Congregação para o Clero (31/1/1994), orienta:

Paralelamente ao Sacramento da Reconciliação, o presbítero não deixará de exercer o ministério da direção espiritual. A descoberta e a difusão desta prática em momentos diversos da administração da Penitência é um grande benefício para a Igreja no tempo presente (n. 54).

Este *Diretório* supõe, por conseguinte, que a direção espiritual esteja a disposição de todos os fieis, assim como o sacramento da reconciliação. Naturalmente, deve ser feita com tempo e pedagogias

<sup>7</sup> CELAM, Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, 2007, n. 198.

<sup>8</sup> CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, n° 519.

próprias, o que inclui diversas qualidades do orientador espiritual, tais como disponibilidade, acolhimento, ser homem de oração, sabedoria, humildade e paciência. Importante recordar como exemplo, a prática pastoral do Santo Cura d'Ars. É um referencial para todos os pastores de almas.

Depois destes pressupostos introdutórios, gostaríamos de indicar o processo de reflexão ou as questões que serão tratadas neste ensaio: (1) para que serve a direção espiritual, (2) fundamentos da orientação espiritual, (3) qual deve ser o perfil do orientador espiritual, (4) elementos éticos na orientação espiritual; (5) metodologia da orientação espiritual à luz de algumas imagens bíblicas.

## I – Para que serve a orientação espiritual?

No mundo pós-moderno, movimentado e polifônico, marcado pela pressa, velocidade de informações, individualismo e subjetivismo, cultura superficial e imagética, a orientação espiritual vem responder à necessidade de se encontrar tempo para refletir, a fim de responder questões existenciais que estão sempre vivas no coração de todos. Dentre elas, destacamos: qual é o sentido do que faço; qual é o papel de Deus em minha vida; por que tanta violência urbana; para “aonde vou” neste passo de minha caminhada e como matar a sede de Deus que invade minha vida; e principalmente, o que significa construir a santidade, vocação de todos os seres humanos.<sup>9</sup> A orientação espiritual, portanto, deve ser *um ministério* oferecido a todas as pessoas, uma forma de colaborar na busca de discernimento e sabedoria, um “ponto de apoio” para suas vidas e seus problemas, especialmente, neste mundo pós-moderno. O Pastor de almas ainda é uma pessoa de confiança; em sua palavra e orientação as pessoas confiam. Por isso, abre-se aqui um leque imenso de oportunidades para que o presbítero sirva melhor sua comunidade e encontre mais sentido em seu ministério.

<sup>9</sup> João Paulo II, em sua Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* (n. 30) afirma: “Em primeiro lugar, não hesito em dizer que o horizonte para que deve tender todo o caminho pastoral é a santidade”

Para que a orientação espiritual possa alcançar seus objetivos, deve buscar elementos teórico-práticos em duas frentes de reflexão: a antropologia cristã e a teologia espiritual. Sem estes referenciais, a orientação perde sua consistência, possíveis rumos e os próprios objetivos da espiritualidade. Primeiramente, propomos um passeio pelos diversos eixos da antropologia cristã e, posteriormente, trataremos em igual medida da teologia espiritual. É importante logo afirmar que as duas se comunicam e se alimentam da mesma matéria humana.

## II – Fundamentos doutrinários da orientação espiritual

A *antropologia cristã* coloca em evidência que o cristão não pode ser compreendido nem ajudado apenas por meio das ciências humanas, como a psicologia, a pedagogia, a sociologia ou a história. É à luz da antropologia cristã que compreendemos que o ser humano é ontologicamente uma criatura nova como afirma Paulo aos Coríntios: “*se alguém está em Cristo, é nova criatura. Passaram-se as coisas antigas; eis que se fez uma realidade nova*” (2Cor 5,17). Assim sendo, trata-se de uma nova realidade, que atinge profundamente a identidade do ser humano. Mais ainda, *a adesão a Cristo* constrói um homem novo, segundo as palavras de Paulo aos Efésios:

Vós, porém, não aprendestes assim a Cristo, se realmente o ouvistes e, como é a verdade em Jesus, nele fostes ensinados a remover o vosso modo de vida anterior – o homem velho que se corrompe ao sabor das concupiscências enganosas – e a renovar-vos pela transformação espiritual da vossa mente, e a revestir-vos do Homem Novo, criado segundo Deus, na justiça e santidade da verdade (Ef 4,20-24).

Outro elemento da antropologia cristã de relevante reflexão para a orientação espiritual é o que trata da *semelhança com Deus*, a qual foi restaurada pelo batismo, conforme nos ensina o Catecismo da Igreja Católica:

Em Cristo, redentor e salvador, a imagem divina, alterada no homem pelo primeiro pecado, foi restaurada em sua beleza original e enobrecida pela graça de Deus.<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Catecismo da Igreja Católica, n. 1701.

Pela graça do Espírito Santo, o ser humano foi feito “*participante da natureza divina*”, conforme nos fala o apóstolo Pedro (cf. 2Pd 1,4).

No seu prólogo, São João afirma que, aos que creem em Cristo, Ele “*deu o poder de se tornarem filhos de Deus... os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas sim de Deus*” (Jo 1, 12-13). É uma “nova criação”; aparece aqui o processo – o poder de se tornarem – que deve ser desencadeado pelo crente ao acolher a vontade de Deus e fazer dela um caminho de vida nova. Aqui aparece uma das finalidades da orientação espiritual, isto é, desenvolver nos orientandos o desejo de se tornarem filhos de Deus, o que supõe acolher a Pessoa de Cristo e sua Palavra. Trata-se, em poucas palavras, de um processo de crescimento antropológico no qual todas as virtudes humanas e espirituais devem ser cultivadas. Este processo aparece no diálogo com Nicodemos, ocasião em que Jesus declara: “*Quem não nascer da água e do Espírito não poderá entrar no Reino de Deus*” (Jo 3,5). É uma referência muito clara à necessidade do novo nascimento para a vida nova que se opera pelo Batismo. Ao conversar com a Samaritana, Cristo ilustra essa *vida nova* com a imagem da água que não para de jorrar: “*A água que eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de água, jorrando para a vida eterna*” (Jo 4,14). É uma referência ao dinamismo da vida sobrenatural do cristão, chamada a crescer sem cessar, até desabrochar plenamente na vida eterna (cf. 1 Jo 3,2).

Diante do exposto, temos a convicção de que o ser humano tem uma tarefa a desempenhar neste mundo, que poderia resumir-se no seguinte: trabalhar com força e fé, ajudado pela graça, para prosseguir no crescimento da dimensão espiritual ou na tradução da Boa Nova em sua prática diária.

A *teologia espiritual*, levando em conta os dados da antropologia cristã, explica que o Espírito Santo, ao criar em nós uma “vida nova”, implanta na nossa alma “*o organismo da vida sobrenatural do cristão*”: O Catecismo da Igreja Católica explica que:

A Santíssima Trindade dá ao batizado a graça santificante, a graça da justificação, a qual – torna-o capaz de crer em Deus, de esperar nele e de amá-lo por meio das virtudes teológicas; – concede-lhe o poder de viver e agir sob a moção do Espírito Santo, por seus

dons; – permite-lhe crescer no bem pelas virtudes morais. Assim, todo o organismo da vida sobrenatural do cristão tem a sua raiz no santo Batismo.<sup>11</sup>

Esta doutrina tem importância capital para a direção espiritual, pois esta deve consistir principalmente em orientar e ajudar o dirigido a alimentar e aumentar a *vida da graça*, a cultivar as *virtudes* (teológicas, morais e humanas), e a buscar uma purificação e união com Deus cada vez maiores.

A *teologia espiritual* ensina que as *fontes da graça* resumem-se fundamentalmente em três: os *sacramentos*, particularmente os da Reconciliação e da Eucaristia; a *oração*; o *mérito sobrenatural*, ou seja, o *amor* sobrenatural com que se praticam os *atos das virtudes* e dos *deveres*:

A caridade de Cristo em nós constitui a fonte de todos os nossos méritos diante de Deus. A graça, unindo-nos a Cristo com um amor ativo, assegura a qualidade sobrenatural de nossos atos e, por conseguinte, seu mérito [desses nossos atos] diante de Deus, como também diante dos homens.<sup>12</sup>

Diante disso, a direção espiritual deverá cuidar que o dirigido melhore sua participação no Sacramento da Reconciliação, na Santa Missa, nas devoções eucarísticas; cresça na vida de oração; aprenda a viver as virtudes teológicas e morais no seu próprio estado de vida no cotidiano, e a santificar os seus deveres familiares, profissionais, sociais, etc. A *teologia espiritual* nos lembra que o fim último da direção espiritual é, na realidade, a própria meta da vida cristã: a *santidade*. Os cristãos “*de qualquer estado ou ordem são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade*.”<sup>13</sup> Neste sentido, João Paulo II na Carta apostólica *Novo millennio ineunte*, salienta dois “*princípios pastorais*” que jamais podemos perder de vista, quer na luta pessoal, quer na direção de almas: 1) “*O horizonte para o qual deve tender todo*

<sup>11</sup> Catecismo da Igreja Católica, n. 1266.

<sup>12</sup> Ibidem, n. 2011.

<sup>13</sup> Concílio Ecumênico Vaticano II, Constituição Dogmática Lumen Gentium (LG), nº 40.

*o caminho pastoral é a santidade*”;<sup>14</sup> 2) “*Não se trata de inventar um ‘programa novo’. O programa já existe: é o mesmo de sempre, expresso no Evangelho e na Tradição viva. Concentra-se, em última análise, no próprio Cristo, que temos de conhecer, amar e imitar.*”<sup>15</sup>

### III – O perfil do orientador espiritual

O pastor de Comunidade não deve ser apenas um pregador da Palavra, um administrador de pessoas, mas um conselheiro de almas, um orientador amigo, que acolhe as pessoas para ouvir suas angústias e reavivar as esperanças fundadas na fé. O profeta Isaías, por meio da linguagem figurada nos fala do pastor da Comunidade como aquele que “*apascenta o seu rebanho, nos seus braços recolhe os cordeirinhos, os leva no seu regaço, e conduz carinhosamente as ovelhas que amamenta*” (Is 40,11). Nesta mesma linha de reflexão encontramos o Profeta Ezequiel, que nos fala da atitude do Pastor: “*buscarei a ovelha perdida, reconduzirei a que estiver desgarrada, curarei a que estiver fraturada e restaurarei a que estiver abatida*” (Ez 34,16). Estas imagens lançam luzes para a figura do definitivo pastor, Jesus Cristo, que disse: “*Eu sou o bom pastor, conheço minhas ovelhas e elas me conhecem*” (Jo 10,14). Jesus transmite sua missão de pastor aos Apóstolos para continuarem seu trabalho evangelizador, confirmar os “*fracos na fé, ajudar as pessoas incertas e fortalecer os que se sentem abandonados no caminho da vida.*”<sup>16</sup>

Depois destes pressupostos, cabe agora verificarmos quais são as principais características do pastor da comunidade como orientador espiritual:

- Ter consciência de que *o diretor espiritual não é nem o modelo, nem o modelador*. O modelo é Jesus Cristo, o modelador é o Espírito Santo por meio da graça. A missão do diretor espiritual é apenas *ser instrumento* nas mãos de Deus. Neste sentido, as orientações que ele

dá não podem ser apenas “opiniões pessoais”. Ele não pode ignorar sua responsabilidade de ser canal de uma tarefa sobrenatural, o que lhe impõe a necessidade de ter convicções sólidas acerca de sua fé.

- Ter uma sólida vida interior, característica de quem procura com esforço a santidade. A este respeito lemos no Decreto *Presbyterorum Ordinis*:

Embora a graça possa levar a termo a obra da salvação também por ministros indignos, no entanto, prefere Deus ordinariamente manifestar as suas maravilhas através daqueles que se fizeram mais dóceis ao impulso e à direção do Espírito Santo, pela sua íntima união com Cristo e santidade de vida.<sup>17</sup>

- Ter vida de oração, o que inclui pedir com humildade e insistência as graças e as luzes do Espírito Santo em vista da santidade de vida. Eis uma tarefa que a *Novo Millennio Ineunte* considera prioritária:

Para essa pedagogia de santidade, há a necessidade de um cristianismo que se destaque principalmente pela arte da oração [...] Obra do Espírito Santo em nós, a oração abre-nos, por Cristo e em Cristo, à contemplação do rosto do Pai. Aprender esta lógica trinitária da oração cristã, vivendo-a plenamente – sobretudo na liturgia, meta e fonte da vida eclesial, mas também na experiência pessoal – é o segredo de um cristianismo verdadeiramente vital.<sup>18</sup>

Por isso o sacerdote, começando por *se aprofundar ele próprio na oração*, deve ficar em condições de poder *ensinar, de modo prático, a orar*: oração vocal, meditação, oração contemplativa, enfim, as diversas formas de oração maravilhosamente explicadas na quarta parte do *Catecismo da Igreja Católica*. Naturalmente, para isso, é necessário que o diretor espiritual seja *homem de oração, homem de adoração, homem de vivência diária da “lectio divina”*. Neste sentido, convém citar a esse respeito, as palavras da Instrução da Congregação para o Clero, *O Presbítero, Pastor e Guia da comunidade paroquial*:

<sup>14</sup> João Paulo II, Carta apostólica *Novo Millennio Ineunte*.

<sup>15</sup> Ibidem, n. 29.

<sup>16</sup> SCIADINI, Frei Patrício. *A pedagogia da Direção Espiritual*. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 92

<sup>17</sup> Concílio Ecumênico Vaticano II, Decreto *Presbyterorum Ordinis* nº 12

<sup>18</sup> *Novo millennio ineunte*, n. 32.

Guiar os fiéis a uma vida interior sólida, sobre o fundamento dos princípios da doutrina cristã, como foram vividos e ensinados pelos santos, é obra pastoral muito mais relevante e fundamental. Nos planos pastorais é precisamente esse aspecto que deveria ser privilegiado. Hoje, mais do que nunca, é necessário redescobrir a oração, a vida sacramental, a meditação, o silêncio adorante, o coração a coração com Nosso Senhor, o exercício cotidiano das virtudes que a Ele configuram; tudo isso é muito mais produtivo do que qualquer discussão e é, de qualquer forma, a condição para a sua eficácia.<sup>19</sup>

- Ter compaixão e sensibilidade diante do sofrimento humano. O Bom Pastor é o modelo, Ele é o mestre. Nele encontramos *compaixão e sensibilidade* diante do sofrimento do ser humano, qualidades que aparecem de uma maneira muito forte na parábola do Bom Samaritano (Lc 10,29-37). O Sacerdote e o Levita da parábola não tinham coração sensível ao sofrimento do homem semimorto que caiu nas mãos dos assaltantes. Eles conheciam a Torá, mas faltava-lhes o essencial, um coração capaz de socorrer o próximo. Nada fizeram para ajudar o homem estirado no chão. Ao contrário, um samaritano viajante e desconhecido, agiu com sensibilidade e compaixão, agiu com caridade. Ele foi capaz de se desacomodar, de encontrar tempo para o outro, de interromper seu caminho, investir no ser humano desconhecido, motivado pelo amor ao próximo. Muitas pessoas do nosso lado estão feridas e despojadas de paz e de esperança; vivem submersas em tensões, inseguranças, ansiedades e conflitos. É a marca da realidade destes tempos atuais. Vivemos inseridos no mundo da pluralidade, em todos os campos da vida, também no religioso. E neste mundo de turbulências, não é fácil administrar a própria vida quando impregnada de problemas familiares, econômicos, sociais e religiosos. Diante dessa realidade, as pessoas sentem uma sede insaciável de expor os seus sofrimentos, dúvidas e angústias.

- Ter agenda disponível para escutar os fiéis. As pessoas precisam de alguém que as escute com tempo. O crescimento espiritual supõe a escuta da Palavra, o acolhimento da mesma e sua incorporação na vida, mediante novas atitudes. Este processo necessita de tempo.

<sup>19</sup> Congregação para o Clero, *Instrução O Presbítero, Pastor e Guia da comunidade paroquial*, (14/8/2002), n. 27:

Para cada alma, o diretor espiritual deverá achar o ritmo, às vezes rápido, às vezes lento ou até muito lento, trabalho de anos e anos, que a faça crescer, sem desanimar nem desistir quando percebe que demoram a surgir os frutos da direção.

- Ter zelo apostólico: significa manter acesa a vibração que contagia e leva os outros a vibrar e a fazer apostolado. Neste sentido o maior inimigo da verdadeira direção espiritual é a tibieza: “*A tibieza conduz lentamente à aridez interior, ao sentido de mal-estar e de falta de vontade de assumir a vida espiritual como ela deve ser.*”<sup>20</sup> A tibieza cega as pessoas para as coisas de Deus. Ao túbio, Cristo diz “*Conheço tuas obras. Não és frio nem quente. Oxalá fosses frio ou quente. Mas porque és morno, nem frio nem quente, estou para vomitar-te de minha boca*” (Ap 3,14-16).

- Ter profundo conhecimento da doutrina: a Exortação *Pastores Dabo Vobis*, referindo-se à formação dos futuros presbíteros, frisa que deve haver uma união indissolúvel entre estudo e piedade. “*A formação intelectual teológica e a vida espiritual, particularmente a vida de oração, encontram-se e reforçam-se mutuamente.*”<sup>21</sup> O diretor espiritual deve ter a doutrina – as ideias, as soluções e conselhos – iluminada e aquecida pela piedade. O aconselhamento espiritual é um serviço que exige empenho, estudo da doutrina da Igreja. Hoje, há uma enorme carência de doutrina, de fé fundamentada em ideias claras e convicções sólidas. Falta clareza, mesmo em católicos convictos, piedosos e apostólicos sobre conceitos claros acerca das verdades da fé, como Trindade, Cristo Deus-Homem, Missa, Igreja, Confissão, pecado, religião, moral, dentre outros. Disto nasce a responsabilidade de o orientador espiritual estar preparado para expor a doutrina com segurança e clareza. Neste sentido poderá ir aconselhando os seus dirigidos, a começar pelos pequenos catecismos ou pelo “Compêndio do Catecismo da Igreja Católica”.

- Ter experiência de vida. Outro elemento essencial na formação do orientador espiritual é sua experiência de vida, pautada na Palavra,

<sup>20</sup> SCIADINI, Frei Patrício. A pedagogia da direção espiritual. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 278.

<sup>21</sup> João Paulo II, Exortação Apostólica pós-sinodal *Pastores Dabo Vobis*, n. 53.

alimentada pela oração e pelos sacramentos. No encontro pessoal com o Cristo, ele vai se “formando”, adquirindo a identidade de discípulo e continuador da obra do Senhor. De fato, o orientador está sempre se formando, no discipulado do Mestre.

#### IV – Elementos éticos na orientação espiritual

Alguns princípios éticos são necessários e até indispensáveis no trabalho de orientação espiritual. O orientador, a exemplo de Cristo, deve ser sensível às necessidades do orientando e entender seus desejos, problemas e frustrações; escutar atentamente o que o aconselhado lhe diz e apreciar o que lhe é narrado, segundo a perspectiva do confidente. O orientador tem o dever de respeitar o orientando como “pessoa única”, e não como se ela fosse somente “um caso a mais” no meio da multidão. Cada um é um. Jesus dialogou, curou e abençoou “pessoalmente” aqueles a quem encontrava. “*O que queres que eu te faça?*” (Lc 18,41) é sem dúvida, uma forma de atendimento pessoal.

O orientador é responsável pelo que faz, diante de Deus, do orientando e da comunidade. Deve pensar no bem do aconselhado. Evitar que o orientando prejudique a si mesmo e a terceiros. Se o orientando quer suicidar-se, o orientador fará todo o possível para que isto não aconteça.

É necessário guardar confidências. Aquilo que o aconselhado revela ao orientador deve ser inviolável, não deve ser divulgado a ninguém. O orientador não tem o direito de contar a um aconselhado os problemas de outro orientando, nem usar experiências provenientes de sua função de orientador, como ilustração de suas homilias ou palestras.

É de fundamental importância que o orientador não esconda suas convicções cristãs. A fé do orientador deve influenciar tudo o que ele pensar ou fizer, inclusive no aconselhamento. O orientador tem a responsabilidade perante Deus de apresentar ao orientando a verdade bíblica que está relacionada com o assunto apresentado. Naturalmente, o orientador não deve impor a norma cristã, mas apresentá-la.

O orientador deve reconhecer suas próprias limitações. Nenhum orientador pode ajudar a todos. Existem situações muito difíceis e,

apesar do orientador fazer o possível, pode ser que não dê nenhum resultado. Existem casos em que algumas pessoas estão mentalmente enfermas. Sendo assim, devem ser encaminhadas a especialistas capazes de melhor orientar a pessoa.

A orientação espiritual destina-se a pessoas que buscam ajuda para refletir, tomar decisões. Neste sentido, é fundamental que o orientador reconheça as características daqueles que estão mentalmente enfermos. Alguns indícios fáceis de ser reconhecidos são: conversação irracional, expressão de fobia, ameaças de outros, ansiedade profunda, sentimento de perseguição. Neste sentido, é também fundamental que o orientador conheça o suficiente acerca de saúde mental para poder distinguir entre as manifestações normais e as neuróticas de ansiedade, angústia, etc., e para poder distinguir entre os sintomas que indicam a necessidade de um tratamento psiquiátrico e os que podem ser eliminados simplesmente prestando uma assistência normal à pessoa.

#### V – Metodologia da orientação espiritual à luz de algumas imagens bíblicas

Partimos do pressuposto de que Jesus é o Mestre da orientação espiritual; é Ele que orienta nossa vida com sua palavra pela ação do Espírito Santo; é Ele que nos ajuda a descobrir nossa identidade de filhos adotivos e nos acompanha e alimenta em nosso caminho. Jesus apresenta sua missão de orientador da humanidade ao dizer: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6).

a) Uma das imagens mais produtoras de sentido em relação ao Filho de Deus que encontramos nas Escrituras é a imagem de Pastor, como alguém que cuida do seu rebanho, que o guia às pastagens, às águas frescas e ao descanso. O Pastor é quem protege o seu rebanho das “feras devoradoras”. Esta atitude do bom pastor desperta confiança no rebanho; as ovelhas conhecem a sua voz e seguem-no por onde quer que ele vá. O bom pastor procura sempre o melhor para o seu rebanho. Sem obrigar, ele mostra uma direção a seguir.

Todas as pessoas precisam de um orientador espiritual que os alimente, mate a sede do sentido da vida e ajude a construir a paz; sem

este guia, somos pessoas errantes pelos caminhos do mundo. Neste sentido fala Gula sobre a pedagogia imprescindível da disponibilidade:

É dever dos ministros pastorais subordinar o interesse próprio para dar preferência, em maior grau, ao entendimento dos que procuram o serviço pastoral. (...) Ao levar ao bom termo este dever, participamos do espírito e missão de liderarmos como servos de Jesus (cf. Mc 10,45).<sup>22</sup>

O Pai enviou o seu amado Filho para que *“todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”* (Jo 3,16). No Antigo Testamento encontramos a imagem do bom pastor que pode ser aplicada a Jesus de Nazaré, como o pastor do seu povo. No livro do profeta Ezequiel, está escrito: *“Eu mesmo apascentarei o meu rebanho, eu mesmo lhe darei repouso, oráculo do Senhor”* (Ez 34,15). O Salmo 23 apresenta-nos uma bela figura do bom pastor. O crente canta sua confiança no Senhor, dizendo: *“O Senhor é o meu pastor, nada me faltará. Em verdes pastagens me faz repousar. Para as águas tranquilas me conduz e restaura minhas forças, ele me guia por bons caminhos por causa de seu nome”* (Sl 23,1-3).

No evangelho de João encontramos o próprio Cristo falando do seu pastoreio e de seu amor pelas ovelhas. Disse Ele: *“Eu sou o bom pastor; o bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas. Mas o mercenário, que não é pastor, de quem não são as ovelhas, vê vir o lobo e deixa as ovelhas e foge; e o lobo as arrebatá”* (Jo 10,11-12). Ora, Jesus não fugiu quando o foram prender, mas entregou-se. Ele havia dito que daria a sua vida voluntariamente, porque tinha poder para dar e para voltar a tomá-la. Ele fez isso porque nos amava. Jesus enfrentou uma luta de morte para salvar-nos, a qual resultou na vitória de todos aqueles que nele creem. Há muitas provas do amor de Cristo para com suas ovelhas que podemos ainda citar: Cristo foi açoitado, crucificado, desprezado e morto para salvar os seus amigos. Pela sua morte conquistou a vitória, e nós pela fé nele alcançamos o perdão e a liberdade.

A imagem do bom pastor nos ajuda ainda a refletir sobre o relacionamento que deve existir entre o orientador espiritual e seu

orientando; o bom pastor conhece as suas ovelhas, o que indica um relacionamento muito próximo. Jesus disse: *“Eu conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas me conhecem”* (Jo 10,14). E mais adiante dirá: *“mas tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; devo conduzi-las também e ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só pastor”* (Jo 10,16).

Outro elemento pedagógico que o orientador espiritual pode aprender com o Bom pastor é a sua maneira de se relacionar com as ovelhas: *“(...) ele chama cada uma de suas ovelhas pelo próprio nome e as conduz para fora”* (Jo 10,3). De fato, cada pessoa é única. Por isso, as receitas genéricas e estereotipadas não são válidas para todos, mas é preciso, tanto quanto possível, um cuidadoso atendimento pessoal. Não basta a direção espiritual “coletiva”, é importante que as pessoas se sintam indivíduos. O Bom Pastor “veio para dar vida e vida em abundância”. A cada encontro, o orientando deveria extrair “algo novo” desta vida que o Bom Pastor trouxe ao mundo.

b) Outra figura de relevo nas escrituras que pode exemplificar o orientador espiritual é a figura do Pai do filho pródigo, que se encontra no evangelho de Lucas (cap. 15). Nesta narrativa, o Pai respondeu ao pedido do filho mais jovem com a metade da sua riqueza e com a liberdade. Esta parábola ilustra a atitude de misericórdia de Deus para com seus filhos perdidos. O Pai não só acolhe os pecadores arrependidos, mas também os aguarda, vai ao seu encontro deles e os “veste” com seu perdão e amor. Jesus usou três parábolas para ilustrar os três tipos diferentes de “perdidos”. Na parábola da ovelha perdida, aquela que se perde é incapaz de voltar ao redil sem ajuda. Na parábola da moeda perdida, a que está perdida não tem conhecimento de seu estado. Na parábola do filho pródigo, porém, aquele que está perdido não só sabe que está perdido, mas também sabe como voltar para casa. Estas três parábolas ilustram os diferentes tipos de pessoas que se encontram perdidas e que precisam ser encontrados. Em cada uma delas o esforço de quem procura é diferente. No final das três parábolas, a alegria é muito grande.

Vamos olhar mais de perto a Parábola do Filho pródigo, como motivação para a orientação espiritual. É importante recordar que o pai do filho pródigo não se limita a ser compreensivo, acolhedor e carinhoso. O pai aperta o filho no peito e o leva para dentro da casa

<sup>22</sup> GULA. Richard M. *Ética no Ministério Pastoral*, São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 75.

paterna, a fim de que lá se instale permanentemente; dá-lhe a melhor veste (símbolo da graça), um anel no dedo (símbolo da dignidade filial recuperada), e prepara um banquete: façamos uma festa (símbolo do amor, da união com Deus: cf. Lc 15,20-24). Nunca é tarde para cair em si. O bom pai ou bom orientador espiritual está pronto para receber de volta do que estava perdido. Não importa a que distância da casa do pai ele se encontrava. O pai o vê (Lc 15,20) e deseja seu retorno. O filho que se arrepende e retorna traz uma alegria imensa ao Pai, pois redescobriu sua identidade de filho. Para ser bom, o diretor espiritual deve ter a paciência e a misericórdia do pai do filho pródigo. Neste sentido, convém afirmar que os fiéis nunca vejam o sacerdote magoado, decepcionado, desesperançado, cansado deles. O pai do filho pródigo não se cansou de esperar. Lembremo-nos ainda que a Carta aos Hebreus diz que o bom pai, à imitação de Deus, corrige o filho, para seu bem: Se permanecêsseis sem a correção, seríeis bastardos e não filhos legítimos (Hb 12,8). A correção, feita com caridade e clareza, dói, mas acaba produzindo frutos de aperfeiçoamento, que o filho agradecerá.

c) O orientador espiritual pode também curar como um “médico”. “Não são as pessoas com saúde que precisam de médico, mas as doentes” (Mc 2,17). Todos somos “enfermos”. Mas a direção espiritual não pode limitar-se a ser um pronto-socorro, uma ajuda emergencial para problemas pontuais (crise conjugal, perda de um ser querido, filho drogado, desemprego, ruína econômica). A verdadeira direção é uma orientação habitual, para o dia a dia, rumo à santidade. É natural que muitas vezes os fiéis recorram a nós como “pronto-socorro” espiritual. Logicamente, atenderemos essas consultas e desabafos com dedicação e carinho, como um bom médico, mas mesmo os “acidentados” devem ser ajudados a enxergar mais longe, a compreender o que Deus lhes pede naquelas circunstâncias, a entender com fé a cruz e a abraçá-la. Um bom médico nota-se pela capacidade de fazer, quanto antes, um diagnóstico, por ter “olho clínico”. O sacerdote, especialmente em relação às pessoas que começam a amadurecer espiritualmente ou a assumir colaboração nas tarefas pastorais, deve ter olho clínico para detectar algumas “doenças” que influem em todo o “organismo”, como uma anemia profunda ou uma infecção generalizada. Dentre as principais:

- A doença do sentimentalismo: significa ter uma religiosidade meramente emocional, que não sabe apoiar-se na cruz, na abnegação, na doação generosa de si mesmo. Para os sentimentalistas, o que vale é o que a pessoa “sente”, sua vontade e disposição para seguir isto ou aquilo. Na Encíclica *Caritas in Veritate*, Bento XVI escreve: “Sem verdade, a caridade cai no sentimentalismo. O amor torna-se um invólucro vazio, que se pode encher arbitrariamente. É o risco fatal do amor numa cultura sem verdade; acaba prisioneiro das emoções e opiniões contingentes dos indivíduos”.<sup>23</sup>
- Outra forma de vida espiritual enganosa é o pietismo, que está relacionado com o sentimentalismo. O pietismo consiste em reduzir o progresso espiritual à simples melhora e incremento de atos de piedade e devoção, sem cuidar de ganhar formação doutrinal nem de se esforçar por adquirir virtudes. Surge, então, a figura do beato: que faz muitas coisas da igreja, mas dá mau exemplo, por falta de critério e de virtudes; e assim se desprestigia, pois aparece ante todos como pessoa sem profundidade, medíocre, cheia de amor-próprio, maledicência, inconstância.
- Outra forma de comportamento indesejável é o voluntarismo. É atitude daqueles que pensam que tudo depende de sua força de vontade. Esquecem-se de que Jesus afirmou: “Sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15, 5). Por causa desse engano, essas pessoas lutam e trabalham sem pedir a ajuda a Deus, sem rezar com constância, sem viver cada vez mais intensamente os sacramentos da Reconciliação e a Eucaristia, sem oferecer mortificações pela sua melhora espiritual e pelo apostolado. Não devemos esquecer o “primado da graça”, que tanto frisou João Paulo II na Carta Apostólica *Novo millennio ineunte* (n. 38).

O orientador espiritual como médico não pode ignorar as diferentes anomalias de uma vida espiritual. Muitas vezes os sofrimentos pessoais ou comunitários são consequência de uma vida espiritual mal conduzida. Para alguns, o demônio é a causa de todos os males e nós somos “apenas” vítimas de suas emboscadas. Para outros os

<sup>23</sup> Bento XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, São Paulo, Paulinas, 2009, n 3.

sofrimentos ou doenças são mandados por Deus para provar nossa fé. Outros ainda acreditam que os pecados de nossos antepassados aparecem em nós como castigos, ignorando a misericórdia e o perdão de Deus. Diante de tantas visões religiosas conturbadas, cabe ao orientador espiritual, por um processo lento e longo, ajudar as pessoas a perceberem a ação de Deus no mundo e o papel de cada um na construção do Reino. Nossos problemas e dificuldades podem ser solucionados pela força de cada um, com a colaboração da graça de Deus. Elas fazem parte da vida, e se aparecem é porque fazem parte das contingências humanas. Neste sentido o orientador espiritual deve ajudar as pessoas a mudarem de *lente* e descobrir o quanto o Filho veio para nos ajudar e não para nos substituir.

## Conclusão

Neste artigo, abordamos algumas questões que julgamos de fundamental relevância para o aconselhamento espiritual. Em primeiro lugar, discutimos sobre a importância da direção espiritual. E sentimos que todos nós precisamos de alguém que nos ajude a meditar sobre nossa história de fé e nos ajudar a ver os caminhos futuros a fim de que sejamos fieis aos compromissos batismais. Percebemos também que as bases da orientação espiritual são maiores que os elementos retirados das ciências humanas; estes, mesmo reconhecendo seu valor, não esgotam os fundamentos da verdadeira orientação espiritual, que deve ser orientada por uma sólida doutrina e pela teologia espiritual, elementos indispensáveis para a compreensão da antropologia cristã. Na terceira parte de nosso trabalho, sentimos que não são todos os sacerdotes que estão preparados para esta tarefa, apesar de assumirem funções de pároco ou administradores paroquiais. As comunidades nem sempre contam com sacerdotes disponíveis e preparados para este serviço eclesial, o que gera frustrações em nossos fieis. A orientação espiritual supõe também um comportamento ético. O orientador espiritual deve respeitar cada indivíduo, valorizando suas qualidades, e caminhar com os orientados de forma progressiva, sem impor, criando sempre o espaço da liberdade. E, por último, fomos buscar em algumas imagens bíblicas a metodologia da orientação

espiritual de forma explícita e implícita. Jesus aparece nestas imagens como o Mestre, aquele que é fonte de sabedoria para todos os que desejam orientar o seu povo. A figura do pastor nos ajudou a ver as preocupações mais legítimas do pastoreio: a água, a fome, o lazer e a proteção. Na figura do Pai aparece o *pastoreio interior*, a misericórdia e o perdão como fonte de alegria e força para recomeçar o caminho. E, por último, a figura do médico, tão importante diante da polifonia da cidade grande. Muitos se arvoram o direito de “pregar a verdade”, inclusive em movimentos no interior da igreja, trazendo desta forma, com muita frequência, ruídos para a verdadeira comunhão eclesial.

Enfim, a primeira e indispensável condição para a orientação espiritual consiste na liberdade e no desejo de a pessoa procurar ajuda. Se ela não sente essa necessidade, é pouco provável que esteja disposta a receber orientação. Se a pessoa também não quiser cooperar com o orientador ou tem pouco interesse em mudar sua conduta, não resta esperança de ajudá-la. Para obtermos bons resultados, é necessário que o orientando deseje mudar, e que respeite e estime o orientador, que tenha expectativa de ser ajudado e que esteja disposto a ajudar a si mesmo no processo de aconselhamento espiritual.

## Bibliografia

- AZPITARTE, Eduardo López. Fundamentação da ética cristã. São Paulo: Paulus, 1995.
- BENTO XVI, Homilias sobre o sacerdócio, nas diversas Missas Crismais.
- CASERA, Domenico. Psicologia e aconselhamento pastoral. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- CELAM, Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.
- CHECA, Rafael, ocd. A Pastoral da Espiritualidade Cristã. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, Diretório para o Ministério e a Vida do Presbítero. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, O presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial. Instrução. São Paulo: Paulinas, 2002 (2ª edição).
- COMPÊNDIO DO VATICANO II. Petrópolis: Vozes, 1977 (11ª edição).

- CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- GALILEA, Segundo, A Sabedoria do Deserto. São Paulo: Edições Paulinas, 1985 (2ª edição).
- GRÜN. Anselm. A sabedoria dos monges na arte de liderar pessoas. Petrópolis: Vozes, 2006.
- GULA. Richard M. Ética no Ministério Pastoral. São Paulo: Loyola, 2001.
- HOFF, Paulo. O Pastor como Conselheiro. São Paulo: Editora Vida, 2005.
- JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica pós-Sinodal Pastores dabo vobis. São Paulo, Edições Loyola, 1992 (2ª edição).
- JOÃO PAULO II, Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2001.
- PEREIRA, José Carlos. O Ofício de Pároco. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- SCHERER, Odilo Pedro, Paróquia, torna-te o que tu és. Carta pastoral à Arquidiocese de São Paulo. Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 2011.
- SCIADINI, Frei Patrício OCD. A Pedagogia da Direção espiritual. São Paulo: Edições Loyola, 2009 (2ª edição).
- \_\_\_\_\_. Direção Espiritual. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- SZENTMARTONI, Mihály. Caminhar juntos: psicologia espiritual. São Paulo: Edições Loyola, 2006.